

# A PEDAGOGIA DA DÚVIDA NUMA SALA DE AULA VIRTUAL INVERTIDA

São Paulo, 13 de abril de 2014.

Janes Fidélis Tomelin - UAM – [jftomelin@anhembí.br](mailto:jftomelin@anhembí.br)

**Experiência Inovadora**

**Educação Superior**

**Teorias e Modelos**

**Inovação e Mudança**

**Descrição de Projeto em Andamento**

## **RESUMO**

*As novas tecnologias que suportam a Educação a Distância, ou Educação Flexível, permitem e exigem um repensar sobre as metodologias utilizadas nessa modalidade. É um desafio comum aos professores e gestores da EAD repensar o modelo instrucionista que ainda é preponderante. Fala-se muito de recursos de aprendizagem com multimeios, mas, via de regra, a função que cumpre é a de apresentar conteúdos customizados sobre os quais o estudante deve se debruçar. Com as tecnologias disponíveis são garantidos recursos de interação tais como fóruns, chats, webconferências, wikis, enquetes entre outros que, por sua vez, podem ser reduzidos a apenas atender as demandas de esclarecimento de dúvidas sobre os conteúdos expostos. Contudo, são esses recursos tecnológicos que também permitem uma nova experiência, a de uma sala de aula invertida, em que professores e tutores promovem a dúvida enquanto que os estudantes são convidados a retomarem o prazer da curiosidade investigativa. Baseando-se nessa premissa, desenvolveu-se um projeto de pós-graduação a distância diferenciado elegendo a pedagogia da dúvida como modelo de estruturação das disciplinas.*

**Palavras – chave:** Educação Flexível; Sala de aula invertida, Pedagogia da Dúvida.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este texto tem por objetivo discutir as possibilidades pedagógicas que a Pedagogia da Dúvida proporciona durante o processo educativo de uma sala de aula virtual invertida. Parte-se do pressuposto de que a força motriz do pensamento e do conhecimento humano é a dúvida e que por ela devolve-se ao estudante a condição de sujeito ativo da aprendizagem. Para potencializar tal pressuposto, propõe-se um repensar sobre a sala de aula, invertendo os papéis dos professores/tutores e alunos.

Tradicionalmente os professores e tutores são responsáveis por preparar as aulas, apresentar os conteúdos, tirar as dúvidas e aplicar avaliações. Aos estudantes cabe apropriar-se dos conteúdos para realizar as avaliações. Que tal inverter os papéis? Esse foi o desafio feito aos coordenadores de curso, professores, tutores e equipe pedagógica ao preparem novos projetos de pós-graduação.

Desta forma, o texto pretende apresentar a fundamentação que serviu de base para o planejamento de cursos de pós-graduação a distância. Como referência tomou-se a Pedagogia da Dúvida para repensar o planejamento de ensino, das aulas, customização do ambiente virtual e seus recursos. Desta forma, a questão que orienta a organização deste artigo é: que possibilidades a dúvida cria para o processo educativo a distância?

## **2. BASES DO MODELO INSTRUCIONISTA**

Para muitos educadores a sala de aula, virtual ou presencial, é o espaço de aprendizado, mas a forma como ocorre é muitas vezes conduzida nos modelos instrucionistas de respostas e certezas dogmáticas. Fomos historicamente convencidos de que, como educadores, devemos estar seguros e só transmitir aquilo que é cientificamente comprovado como certo. Sabemos que a escola cartesiana banuiu a dúvida para cultivar a certeza e hoje vemos o espírito estudantil adormecido na ilusão segura do já pronto e determinado.

Preocupados com o ato de educar redescobrimos a dúvida como possibilidade de uma Educação transformadora. Para isso, precisamos compreender melhor como educar pela dúvida, visto que fomos educados no exercício da certeza e quase sempre na memorização de respostas prontas.

A dúvida como caminho para a elaboração do conhecimento já foi utilizada por muitos pensadores desde a Antiguidade. Ela sempre foi fecundadora de curiosidade e sua fertilidade promoveu o nascimento do mito, da filosofia e da ciência. A dúvida também age internamente a esses modos de conhecer o “mundo” e demarca ao longo do seu desenvolvimento momentos de transição. Desta forma, pesquisamos a “fecundidade” da Pedagogia da Dúvida para uma Educação de transição e não apenas uma Educação de permanência e repetição.

Os modelos predominantes de Educação a Distância refletem o paradigma da ciência moderna que se sustenta na certeza positivista cujo legado se faz presente nas salas de aulas virtuais carregadas de materiais instrucionais. Nesse modelo, os espaços de discussão nos ambientes virtuais ficam restritos a complementos de conteúdo, discussões de temas fechados e tira dúvidas do material apresentado (apostilas, vídeos, podcasts...). Neste sentido, vale indagar: como a Pedagogia da Dúvida pode auxiliar no processo educativo?

Para ampliar essa problematização vamos discutir um pouco mais sobre os modelos instrucionistas baseados na certeza para depois aprofundar a dúvida como recurso para inverter a sala de aula, fazer o aluno pensar e assim, devolver o prazer de descobrir.

## 2.1 O CONTEXTO DA QUESTÃO: A CÔMODA CERTEZA

Repetindo eu comunico o “vivido”? Estávamos certos de que tínhamos banido a dúvida e instaurado a certeza. Acreditamos piamente que a ciência extinguiria o desconhecido e nos daria a verdade. Ficamos tranquilos diante de nossa vulnerabilidade, crenes de que a ciência nos salvaria. Frequentamos a escola que acalmou nosso espírito inquieto e incerto, nos deu uma aparente segurança de que todas as perguntas já haviam sido respondidas, ou que para toda dúvida haveria um instrumento de resposta, sagrado ou científico. A

escola nos transmitiu que a realidade foi explicada pela experimentação e que tudo poderia ser, se já não foi, cientificamente comprovado. E fomos levados a pensar que agora somos a civilização mais sábia porque tudo conhecemos e sobre tudo o que conhecemos, nos informamos e informamos.

Assim, a sala de aula se tornou um “porto seguro” para o certo e indubitável. Já não precisamos “navegar”, todas as rotas já foram descobertas; já não precisamos questionar, todas as respostas já foram dadas. Repetindo, o educador encontra a referência de continuidade para aquilo que já foi vivido (compreendido e explicado). O educador se viu no papel de informador dos conhecimentos e o estudante se viu na obrigação de se informar para conhecer. Como repetidores transmitimos o já dito, o já feito, o já pensado e reproduzimos a velha ordem que se mantém ideologicamente. Na condição de educadores da cômoda certeza livramos o mundo dos riscos da inovação e de uma possível mudança radical.

Segundo La Taille (1998), toda criança tem uma motivação, que é a de crescer e se tornar adulta. Porém, neste processo de crescimento, a criança perde sua curiosidade com o mundo. Gaarder (1995) em “O mundo de Sofia” traz um exemplo muito interessante, se não fosse triste. Ele usa a metáfora, de que o mundo é um grande mágico. Ele tira da cartola um coelho. Nós somos as pulgas do coelho. Quando somos crianças, estamos nas pontas finas dos pelos do coelho, olhando para os olhos do grande mágico, mas na medida em que vamos crescendo, vamos descendo até nos tornarmos adultos e estarmos na pele do coelho. Para ele, somente os que buscam a indagação e a dúvida é que podem resgatar esta curiosidade, e afirma que a única coisa que precisamos para sermos bons pensadores é a capacidade de nos admirarmos com as coisas.

Outro inimigo da inovação, segundo Carbonell (2002), são as sobrecargas de conteúdos obrigando os professores a literalmente correr contra o tempo para vencer os conteúdos programados. Tal método não possibilita a assimilação do conhecimento, que é visto quase sempre de forma superficial. Na EAD é comum fazer-se o planejamento da carga horária das disciplinas a partir do montante de materiais instrucionais que são disponibilizados para os estudantes. Será que, de fato, são horas de aprendizagem?

Para Freire (1998, p. 63) esta maneira de abordar os conteúdos acaba por sublimar a curiosidade do aluno: "o educador que, ensinando geografia, "castra" a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se".

Carbonell (2002) cita também o livro texto que é utilizado na maioria dos países. Quando utilizado como único recurso na sala de aula ele se torna limitador e controlador do conhecimento. Além disso, afirma que ele dificulta o pensamento crítico, seus conhecimentos por vezes são ultrapassados.

No Brasil, Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella (1978) também critica os livros didáticos através de uma discussão sobre a ideologia subjacente nos seus textos.

Carbonell (2002) levanta alguns componentes que considera pertencentes ao novo conhecimento inovador. Dentre eles, cita que o conhecimento requer mais perguntas do que respostas. A escola tradicional, porém, sempre acreditou que banindo a dúvida e instaurando a certeza seria a melhor forma de encontrar a verdade. Hoje vemos que temos que educar para a dúvida, para o questionamento e desta forma para a mudança, porque nada se cristaliza, é certo ou absoluto.

Paulo Freire (2002, p. 24) afirma que o aluno está cansado da pedagogia da resposta: "a pedagogia da gente vem sendo a pedagogia da resposta, em que a professora entra na sala de aula no primeiro dia e começa a dar respostas a coisas que os estudantes não perguntaram. Ninguém perguntou nada e ela chega e diz, diz tudo".

A partir desse contexto, no planejamento dos cursos de pós-graduação inverteu-se também o papel do material instrucional que passou a ser material referencial. Como tal, o conteúdo programático passou a ser conteúdo problematizado, as trilhas de aprendizagem agora são um espaço de contextualização e problematização e no lugar de apostilas e objetos de aprendizagem, um conjunto de recursos de construção colaborativa baseados na Pedagogia da Dúvida. Desta forma, elegeu-se a incerteza como provocadora da curiosidade para, assim, devolver no estudante a condição de pesquisador.

### 3. PEDAGOGIA DA DÚVIDA: A INCERTEZA COMO MOTIVAÇÃO

A ânsia de perguntar (ou pensar criticamente) está em todos os seres humanos, faz parte de sua natureza curiosa, embora pouco ou nada desenvolvida pela educação convencional e pelos meios de comunicação de massa. Fomos educados na certeza, mas por várias razões, a inquietação sempre esteve presente e se manifesta de múltiplas maneiras que exprimem descontentamento. A dúvida voltou a se manifestar de forma mais explícita nesta virada de século e de milênio. Muito certamente porque as pessoas sentem necessidade de ouvir e de discutir as questões que mais as afligem. Que questões são essas? São questões sobre a vida, a ciência, a verdade, a realidade como ela se manifesta e como poderia ser. Estamos reavivando a possibilidade da inquietude transformadora em substituição da quietude mantenedora. Muitos estão dispostos a estar incertos das antigas certezas para reaverem sua participação na construção do saber, do ser, do fazer e do conviver.

Na incerteza de nossas respostas sobre a realidade somos provocados a saber mais, a pensar melhor, a sentir diferente, a fazer de outra forma. É Sócrates quem nos adverte que "o mais alto grau da sabedoria é a humildade". Humildade que se relaciona com a ideia de incerteza, que nos coloca em intriga por saber mais. Contudo, fazer ciência nem sempre esteve ligado a ideia de humildade, mas geralmente de certeza e arrogância. Arrogância do absolutamente certo. Pedro Demo (2000, p. 60) afirma que: "a certeza da incerteza aponta, pois, para esta ambivalência sugestiva: a realidade é incerta e o que produzimos sobre ela em termos de conhecimento também é incerto, por mais que desejássemos realidade certa e ciência absolutamente confiável. Porquanto, o que é absolutamente confiável só pode ser reflexo de ingenuidade".

Se assim aceitamos, há muito que se pensar sobre o que ensinamos e a forma como ensinamos.

Se aceitamos, pelo contrário, que podemos varrer a incerteza e educar só por aquilo que é confiável, não excluimos com isso a possibilidade do novo e diferente que a incerteza pode promover?

Falar de uma Pedagogia da Dúvida como proposta para organizar uma sala de aula invertida não é novidade. Sócrates inaugurou muito bem essa proposta e dela ainda podemos aproveitar muito.

### 3.1 A DÚVIDA E O DIÁLOGO NO MÉTODO SOCRÁTICO

Nos modelos instrucionistas o discurso é unívoco e pleno de certezas. Neste sentido, responde para si e pretende-se autoridade na discussão do assunto que propõe. Como fazer para superar esse modelo?

Sócrates e Platão propõem um caráter conjunto de questionamento e reflexão. Não almejam a autoridade de tudo saber e tudo responder. Almejam que todos questionem e todos busquem respostas no coletivo, no diálogo. Este exercício de diálogo ajuda a refletir sobre outros pontos de vista, sem que se conclua precipitadamente sobre uma verdade que pode ser ideológica e preconceituosa.

O método do diálogo socrático se desenvolvia em dois momentos: ironia e maiêutica. No primeiro momento da ironia o objetivo é destrutivo, procura desmontar as certezas até o outro reconhecer sua ignorância. Depois, através da maiêutica, o objetivo é construtivo, procura dar a luz a novas ideias e conceitos.

O primeiro momento era o encontro com o interlocutor e a provocação do início de um diálogo a partir do que este supunha saber com segurança. Sócrates mantinha-se na humilde condição de questionador diante daquele que arrogantemente se postava como sabedor absoluto do que se conversava. Os questionamentos elaborados por Sócrates alimentavam a reflexão do interlocutor que se via em contradição, que se percebia superficial e, por fim, se reconhecia ingênuo, admitindo sua ignorância. As primeiras respostas dadas pelos interlocutores eram opiniões imediatas, singulares e irrefletidas, derivadas da percepção sensível e encerradas como verdades sem reflexão. Sócrates pretendia atingir o conhecimento intelectual, o conceito que é abstrato e universal, a essência das coisas e não as qualidades que as adornam. Em síntese, na Ironia Sócrates interrogava o interlocutor sobre suas sentenças, levando-o a perceber o quão insustentável elas eram.

O segundo momento era o da Maiêutica, que do grego quer dizer dar luz às ideias. Mesmo sendo um segundo momento na busca da essência das coisas e mesmo tendo diante de si um interlocutor que agora se sente ignorante sobre o assunto tratado, Sócrates continua com sua estratégia do diálogo e do questionamento. Permanece numa postura humilde, mas concentrado no seu propósito de trazer à luz um conhecimento verdadeiro. Sócrates entendia que o verdadeiro conhecimento não era algo que se recebia gratuitamente de segunda mão. O autêntico conhecimento é uma conquista pessoal, resultado do esforço consciente e permanente da reflexão crítica e do diálogo. Por isso, continua desenvolvendo o diálogo pelo questionamento, pois dar as respostas ou dizer o que é verdadeiro seria arrogante e, no sentido educativo, interromperia o processo de conquista do conhecimento de forma consciente e lógica. Esta é, na indicação de Sócrates, a forma que aprendemos a aprender. O processo de Maiêutica é um processo de descoberta, de conquista, de investigação, de raciocínio dirigido à essência. Através dos questionamentos o interlocutor se vê provocado a pensar sob outros aspectos além dos adornos. O interlocutor caminha racionalmente em direção à essência. Vai descobrindo por conta as ideias que realmente dizem respeito a esta essência.

O local para o diálogo é a praça pública (ágora), espaço aberto, convidativo. Para ele se dirigia quem estivesse disposto a pensar, a duvidar e a dialogar. Do diálogo participava quem estivesse disposto a expor os conhecimentos que lhe pareciam certos, sabendo que seriam postos em conflito, que sairia do conforto. O modelo do diálogo socrático é provocador do conflito, que por sua vez coloca a razão em movimento. Contudo, sua meta final é a verdade, a essência das coisas.

Ao retomar o legado socrático encontramos as referências necessárias para repensar os modelos instrucionistas na Educação a Distância tendo a dúvida como caminho.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para superar a restrição de pensamento causada pela rotina instrucionista e voltar a admirar-se com as coisas, é preciso por em dúvida

aquilo que já nos parece natural e necessário. Ao planejar novos cursos com o propósito de superar os resquícios instrucionistas sempre há a estranheza de quem educa e foi educado no consenso. Como romper esse paradigma?

Primeiro exercício está em colocar em dúvida os modelos predominantes de Educação a Distância para, então, perceber a rotina estéril a que é submetido o estudante quando se depara com extensas leituras pré-formatadas, enfadonhas e entediadas. Segundo momento, o da maiêutica, é o de novas ideias, de outras possibilidades, da inversão inspiradora de papéis, da utilização de novas tecnologias para promover a aprendizagem. Assim, nasce a opção pela estruturação de um programa de pós-graduação flexível. Entende-se com clareza que o “nível de estruturação do programa de um curso se refere à rigidez ou à flexibilidade de seu projeto em termos de objetivos, estratégias e métodos.” (TORI, 2010, p.61).

A Pedagogia da Dúvida é uma fonte inspiradora para flexibilizar as propostas pedagógicas e dinamizar a sala de aula invertendo papéis. Cada pensador em sua época indagou-se e organizou conhecimentos para dar conta de um universo de enigmas humanos. Na Ciência, a dúvida foi responsável por desencadear pesquisas e descobertas que revolucionaram as organizações produtivas, culturais e sociais. A partir da experiência com a implantação de um novo modelo de pós-graduação compreende-se que devolver a oportunidade ao estudante de cultivar a curiosidade investigativa permite uma experiência de aprendizado autônomo.

O desafio de nosso tempo está em pensar e criar possibilidades de uma sala de aula invertida promotora de novas revoluções. A começar pela inversão do papel do professor na EAD que deixa de ser o provedor de conteúdos prontos para ser o promotor de bons motivos para estudar. Importante ressaltar que a dúvida como recurso pedagógico não anula os conhecimentos produzidos, mas utiliza-os como base para novas investigações. Por ela nos tornamos curiosos e pela curiosidade nos fazemos sujeitos na vontade de saber e construir.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, R. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo: cortez,1995.

CARBONELL, J. **A aventura de Inovar**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DEMO, P. **Certeza da Incerteza**: a ambivalência do conhecimento e da vida. Brasília (DF): Plano, 2000.

DESCARTES, R. **Discurso do método**. São Paulo: Cutrix, 1986.

DEWEY, J. **Como Pensamos**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1953.

\_\_\_\_\_. **Vida e Educação**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

\_\_\_\_\_. **Democracia e Educação**. Série Atualidades Pedagógicas. Vol 21. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. **Experiência e Educação**. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

FREIRE, P. **A arte de ensinar aprendendo e de aprender ensinando**. In: PEY, M.O. Recordando Paulo Freire: Experiências de educação libertadora na escola. Rio de Janeiro: Archimé, 2002. p.17-46

\_\_\_\_\_. SHOR, I. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

LA TAILLE, Y. de. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: ática, 1998.

NOSELLA, M. L. C. D. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 7 ed. São Paulo: Moraes, 1978.

SÓCRATES in PLATÃO. **Teeteto**. [s. d]

TORI, Romero. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: SENAC, 2010.